



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA – CLIND

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**A poética da voz nos
Cantos de Toré em Jiripankó
(Material Didático)**

PARICONHA – AL
2025



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE ALAGOAS – UNEAL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA - CLIND

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

A poética da voz nos Cantos de Toré em Jiripankó (Material Didático)

Material didático apresentado como pré-requisito para conclusão do curso de Letras Licenciatura Intercultural Indígena – CLIND, sob orientação do Prof. Me. Arenato da Silva Santos.

PARICONHA – AL
2025

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**A POÉTICA DA VOZ NOS CANTOS DE TORÉ EM JIRIPANKÓ
(MATERIAL DIDÁTICO)**

Cartilha apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Letras e suas literaturas, através do curso de Licenciatura Intercultural Indígena de Alagoas – CLIND, da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL.

BANCA EXAMINADORA

Aprovado em: 29/03/2025

Documento assinado digitalmente
 **ARENATO DA SILVA SANTOS**
Data: 03/05/2025 14:42:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Arenato da Silva Santos (Orientador/Presidente da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **IRACI NOBRE DA SILVA**
Data: 04/05/2025 10:53:01-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Iraci Nobre da Silva (1º avaliadora)

Documento assinado digitalmente
 **NALFRAN MODESTO BENVINDA**
Data: 09/05/2025 13:01:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Nalfran Modesto Benvinda (2º Avaliador)

Agradecimentos

Agradecer primeiramente a Deus e às forças encantadas por tudo que eu consegui até hoje. Agradecer a meu pai e a minha mãe por me incentivarem a não desistir de estudar. Agradecer às orientações e contribuições de meu orientador, o professor Arenato da Silva Santos; aos meus colegas de sala, aos professores do CLIND que tiveram esse momento junto com a gente; aos professores da Escola Estadual Indígena José Carapina, que receberam a gente de portas abertas para que conseguíssemos fazer os estágios de regência. Agradecer à Universidade Estadual de Alagoas/UNEAL, nas pessoas de Adelson Peixoto e Iraci Nobre pelos esforços dedicados para que o CLIND em Alagoas, em especial, aqui no Sertão, tenha se tornado um sonho possível.

Muito obrigado a todos e a todas por tudo!

LISTA DE IMAGEM

IMAGEM 1 – O POVOADO JIRIPANKÓ	06
IMAGEM 2 – AS CRIANÇAS JIRIPANKÓ	07
IMAGEM 3 – O RITUAL DO TORÉ E A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE	10
IMAGEM 4 – RITUAL DO TORÉ	12
IMAGEM 5 – PRAIÁS EM RITUAL DO TORÉ	12
IMAGEM 6 – MARACÁ.....	12
IMAGEM 7 – CAMPIÔ.....	13
IMAGEM 8 – GAITA UTILIZADO PELOS PRAIÁS E MESTRE DE TERREIRO.....	13

SUMÁRIO

Apresentação	05
Público-alvo	08
A História do Povo Jiripankó	08
O Toré em Jiripankó	11
Cantos de Toré em Jiripankó	14
Uma palavrinha final	19
Referencial Bibliográfico	20
Apresentação do Autor	21

Apresentação

Oi, eu me chamo José Pereira da Silva e sou um Jiripankó¹. Atualmente estou finalizando meus estudos em Letras-Português no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, conhecido pela abreviatura CLIND. O CLIND é um curso de formação docente voltado para estudantes indígenas e que é ofertado pela Universidade Estadual de Alagoas, a UNEAL, uma instituição pública de ensino superior. Acho que você a conhece!

Para início de história, será preciso contar que, como estou me formando no curso de Letras-Português, devo apresentar um trabalho final. O trabalho que escolhi fazer e apresentar foi uma cartilha pedagógica, sob o acompanhamento de meu orientador, o professor Arenato da Silva Santos.

Nesta cartilha tenho o objetivo de falar para você sobre o meu povo Jiripankó. Buscarei destacar um elemento central de minha cultura, responsável em parte, pela manutenção da identidade cultural de meu povo, o qual é vivenciado e repassado de geração a geração. Estou falando dos cantos de Toré em Jiripankó.

O que você acha de conhecer um pouco sobre o meu povo?

O que acha de conhecer um pouco de nossa origem e dos cantos do Toré?

Convido você, então, a conhecer o Toré como uma manifestação literária, que será entendida aqui por mim como a expressão de uma poética do canto, ou seja, uma poética da voz.

O trabalho foi realizado graças à participação de pessoas mais velhas e de lideranças de nosso povo, as quais responderam as entrevistas abertas que mais se parecem com diálogos que realizei.

Meu objetivo com as entrevistas foi saber sobre os seus pontos de vista acerca de suas trajetórias de vida e sobre a história de formação de nossa comunidade Jiripankó. Em vários dos nossos encontros presenciei momentos de alegrias, reflexões e lamentos de quem falava. Acabamos nos emocionando ao lembrar das perdas de pessoas que ajudaram a construir a nossa comunidade. Mesmo sem vida,

¹ A grafia Jiripankó possui cerca de 4 possibilidades de uso, sendo Geripankó, Jeripankó, Giripankó e, a que adotaremos neste trabalho, Jiripankó.

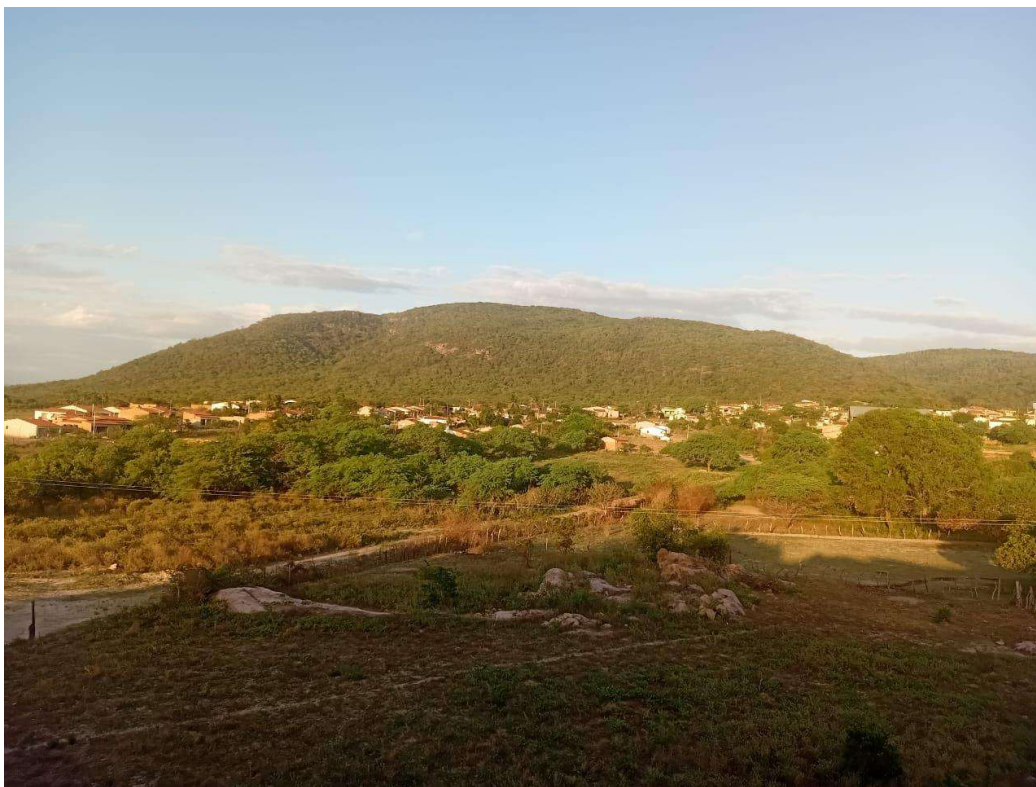
eram lembrados com orgulho, pois resistiram para estarmos aqui hoje e suas lutas não foram em vão.

A partir da minha experiência e das muitas histórias que ouvi dos mais velhos e lideranças de meu povo, vou contar para você sobre a formação do Povo Jiripankó. Contarei como são as festividades do nosso povo Jiripankó, e também o quanto é importante para nós a dança do Toré. Você poderá observar uma das expressões mais importantes da nossa cultura, e o quanto o Toré significa para o fortalecimento de nosso povo por ser um dos rituais mais representativos de nossa comunidade.

Vamos?

Me acompanha nessa jornada?

IMAGEM 1: O POVOADO JIRIPANKÓ



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

A imagem 1 mostra uma pequena comunidade aconchegada aos pés de uma serra verdejante. O céu é azul e claro, com poucas nuvens. Árvores e arbustos verdes e exuberantes cobrem a paisagem, criando um cenário tranquilo e sereno. As casas são pequenas e parecem ser feitas de materiais naturais, se integrando bem à natureza ao redor. A cena transmite uma sensação de paz e harmonia com a natureza.

Não há pessoas visíveis na imagem, mas a atmosfera sugere calma e tranquilidade de um lugar isolado e pacífico

* * *

Em relação às questões metodológicas, este trabalho teve início com um trabalho de campo no qual entrevistei cinco membros da comunidade, dentre eles, três são as lideranças do povo Jiripankó. Foram entrevistados: Pajé Elias Bernardo da Silva, Cícero Pereira dos Santos e Everson Araújo da Silva; e dois membros da comunidade: Cleide Gomes da Silva e José Martins da Silva Filho.

IMAGEM 2: AS CRIANÇAS JIRIPANKÓ



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

Um grupo grande de crianças e adolescentes indígenas da etnia Jiripankó participa de uma dança tradicional ao ar livre, formando uma fila e andando bem próximos uns dos outros. A maioria dos participantes está com o tronco nu e o corpo pintado com grafismos tradicionais. Algumas crianças vestem bermudas. No fundo, é possível ver adultos observando e acompanhando a dança. A cena acontece durante o dia, sob um céu parcialmente nublado, em uma área aberta cercada por vegetação

típica do sertão, com morros verdes ao fundo e algumas casas simples próximas. O clima geral da imagem transmite celebração cultural e coletividade.

Podemos observar nas imagens acima as crianças e a Aldeia Jiripankó, localizada na cidade de Pariconha, em Alagoas. Para chegar à Aldeia são quatro quilômetros de Pariconha. Se for partindo sentido a Pernambuco, de onde fica a divisa do o rio Moxotó.

* * *

Público-alvo:

Este material foi elaborado especialmente para as crianças e jovens de todas as etnias e não indígenas, em especial aos estudantes da Educação Básica.

A História do Povo Jiripankó

O meu povo se chama Jiripankó, por isso eu sou um Jiripankó.

A minha comunidade, que é uma comunidade indígena, está localizada no Alto Sertão do estado de Alagoas, mais exatamente no município de Pariconha.

O povo Jiripankó tem origem no povo Pankararu localizado em Brejo dos Padres, em Pernambuco. Os indígenas que habitavam aquelas terras na época acabaram sendo perseguidos, outros foram massacrados e mortos pelo fato de não aceitarem seguir uma doutrina religiosa a partir das quais eles eram submetidos.

José Carapina e Isabel foram os primeiros habitantes nessas terras do alto sertão em busca de melhoria de vida. Começaram a trabalhar para fazendeiros e para si próprios. Logo, durante algum tempo conseguiram comprar terras e as primeiras famílias começaram a migrar. As famílias Caipira, Miranda, Cristóvão e Gomes trouxeram consigo filhos e esposas, e assim começaram a construir um novo povo. Apesar de todas as perseguições sofridas naquela época, continuamos tendo ligações com o povo Pankararu e decidimos adotar as práticas de rituais e costumes após a formação da etnia aqui no alto sertão alagoano.

O nosso povo escolheu líderes para que, através deles, fôssemos reconhecidos. O senhor Genésio Miranda, junto com Elias Bernardo, foram os líderes dessa empreitada. Percorreram um longo caminho em busca de escola, posto de saúde,

além de lutarem pelo reconhecimento cultural e étnico de nossa comunidade Jiripankó. Apesar de tantos anos de privação, hoje podemos desfrutar de melhores condições de vida. Eu mesmo sou exemplo de que vivíamos de miséria, trabalhávamos muito para sobreviver. Sou filho de agricultores. Não possuímos nada de valor, tomávamos água de poço ou barragens e plantávamos nossos próprios alimentos.

Ao longo do tempo, nossas lideranças conseguiram escolas para que pudéssemos ter estudos e mais oportunidade até porque eles nunca tiveram, por exemplo, plano de saúde que os ajudassem a entender a gravidade de algumas doenças. Não eram do conhecimento do nosso povo o conhecimento étnico e cultural, por isso essas são as principais conquistas que nos ajudam com relação ao fortalecimento de nossa comunidade.

Todos os ensinamentos que foram dados ao povo Jiripankó são praticados a cada ano através de festas culturais. Perguntado sobre quando ocorre o Toré em Jiripankó, Everson Araújo da Silva, liderança indígena da comunidade, em entrevista realizada, declara que “o Toré ocorre nas festividades culturais locais da corrida do Embu, Menino do Rancho, Promessa de Três rodas e apresentações dentro e fora da Aldeia”. A corrida do “Embu”, que Everton faz referência, é também conhecida por Flechada do Umbu. Todos são rituais de promessa e símbolos de resistência identitária.

No final de qualquer festa cultural do nosso povo cantamos o Toré em forma de agradecimento aos encantados, que são considerados por nós espíritos de luz, responsáveis por proteger nossa comunidade.

IMAGEM 3: O RITUAL DO TORÉ E A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

As imagens mostram o ritual do Toré, uma prática cultural e espiritual de povos indígenas do Nordeste do Brasil, especialmente no contexto das comunidades do sertão, indicando o envolvimento coletivo nesse momento sagrado e festivo.

Nos quadrantes superiores, vemos figuras vestidas com indumentárias feitas de caroá, popularmente conhecido como croá, conhecidas como Praiás, que são personagens centrais no ritual. Eles usam capas coloridas com símbolos religiosos, adereços na cabeça e mantêm o rosto oculto. Suas vestes evocam o sagrado e representam forças da natureza ou entidades espirituais. Ao lado deles, há pessoas da comunidade, inclusive crianças e mulheres, que observam ou interagem com o ritual.

Nas fotos inferiores, percebe-se um ambiente comunitário: adultos e crianças reunidos em um espaço aberto, algumas pessoas sentadas observando, outras dançando. Os praiás circulam entre os participantes, o que revela a dimensão coletiva

e integradora do ritual. A vegetação típica do sertão também aparece, reforçando o vínculo com o território.

Essa imagem revela a força das tradições indígenas vivas no cotidiano, a valorização do sagrado e o protagonismo dos praiás como guardiões culturais e espirituais.

O Toré em Jiripankó

Abordarei agora o Toré praticado pela minha comunidade.

Muitos povos de outras etnias, e pessoas não indígenas também, já conhecem o nosso ritual. Você sabia que o Toré é um ritual comum para algumas etnias indígenas do nordeste brasileiro?

Perguntada sobre como surgiu o Toré em Jiripankó, Cleide Gomes de Silva, membro de nossa comunidade, fala que:

O tore em Jiripankó ele surgiu quando o pajé e o cacique foram até os Pankararus pedir autorização para que eles levantassem três folgedos, foram os três primeiros folgedos que vieram para Jiripankó e aí juntos com os folgedos que trouxeram pediram autorização e levantara, aí surgiu o tore juntamente nesse tempo foi aí que o toré, ficou como nossa tradição. (Cleide Gomes de Silva). *Fonte: arquivo pessoal da comunidade*

Além de um ritual religioso, o Toré também é considerado uma manifestação cultural, é um ritual sagrado, muitas vezes considerado uma ciência para nós, Jiripankó. A depender da cultura de cada povo, o Toré une dança, religião, luta e brincadeiras. Não posso deixar de dizer que, por ser um ritual, o Toré pode variar de acordo com a cultura de cada povo. Perguntado sobre qual é o significado do Toré para os Jiripankó, José Martins da Silva Filho, membro da comunidade, em entrevista, defende que:

Para o povo Jiripankó, o tore é uma prática cultural, religiosa e simbólica, essa prática tem como uns dos objetivos atender promessas feita pelo povo, bem como na cura de doenças, e também faz parte de tantas outras práticas realizadas por este povo com a finalidade de atender o povo Jiripankó na cura das

doenças na religião e na simbologia (José Martins da Silva Filho). *Fonte: arquivo pessoal da comunidade*

Para nós, Jiripankó, na dança do Toré podem participar homens, mulheres, crianças e outros que tenham interesse. No Toré de meu povo, por exemplo, também fazem parte algumas presenças muito importantes: os encantados², os pais do praiás e os dançadores.

IMAGEM 4: RITUAL DO TORÉ



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

IMAGEM 5: PRAIÁS EM RITUAL DO TORÉ



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

Para as lideranças do meu povo, o Toré simboliza alegria e agradecimento, praticados em quaisquer ocasiões dos rituais. Nesses momentos, são utilizados alguns instrumentos como: campião, maracá e gaita, elementos que fazem o papel principal para que a festa aconteça.

IMAGEM 6: MARACÁ



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

² Força dos ancestrais.

O maracá é utilizado para emitir sons nos refrãos do Toré. É o principal instrumento dos praiás, é um armamento da tradição, podendo servir também para fazer a chiante nos momentos do ritual, o seu forte som ajuda nossa comunidade para chamar pelos nossos encantados. Para Cícero Pereira dos Santos, liderança da comunidade, “o maraca é a voz humana. O maraca é considerado o instrumento que desperta os ancestrais e as vozes com os cânticos enrolados, para o nosso povo a expressão do nosso espírito sagrado”.

IMAGEM 7: CAMPIÔ



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

O campiô é um instrumento utilizado em todas ocasiões de festividades indígenas, ajuda a purificar a mente e a alma e faz a sua segurança na hora das obrigações.

IMAGEM 8: GAITA UTILIZADO PELOS PRAIA E MESTRE DE TERREIRO



Fonte: arquivo pessoal de José Pereira da Silva.

A gaita é um instrumento utilizada pelos praiás, nas ocasiões que lhes convém. Também é tocada pelo mestre de terreiro nos dias das festividades. Quando os praiás dão um apito forte em meio ao ritual, estão dando um aviso que faz parte de nossa tradição.

Cantos de Toré em Jiripankó

Nesta cartilha, parto do entendimento de que o Toré é um canto que se diferencia do toante. Ele é cantado e dançado durante os rituais do nosso povo e também de outros povos indígenas no nordeste do Brasil.

Os textos transcritos dos 9 Torés que reuni conversando com lideranças de Jiripankó são de composições própria de cada povo. A ciência dos cantos vem de seus cuidadores tradicionais, que os Jiripankó chamam de zeladores ou pais de folgado. Assim, a maioria dos Torés Jiripankó não são de composição da matéria, mas sim, um patrimônio imaterial, pois muitas das vezes são cantados nos rituais por médiuns indígenas em transe espiritual. Essa ciência indígena o nosso povo aprende ou nos sonhos ou em rituais fechados. Dependendo do canto, o Toré pode ser uma evocação a um mestre encantado. Esse ato é uma particularidade nossa que não pode ser muito exposta pois somos desde cedo ensinados a guardar segredo do que é sagrado para nosso povo.

Abaixo segue cada uma das 9 letras transcritas por mim de cada Toré, o qual estou chamando nesta cartilha de uma poética da voz, em função de, no ato da dança presente no ritual, a poesia ir ganhando forma através de uma performance do canto. Para uma melhor organização, considerando que eles não possuem títulos, enumerarei cada um dos cantos do Toré, seguindo-se a cada um deles a minha leitura compreensiva de seus significados para o nosso povo Jiripankó.

TORE 1

Lá na baixa do boi
Eu vi na beira do Rio
Eu vi passarinho cantar
O canto da juriti...

O Toré 1 é de origem Pankararu. De acordo com intercâmbios culturais, na ida ou vinda ao território Pankararu, os Jiripankó aprendem o canto, seja nos rituais fechados como trabalho de chão, ou nos abertos a exemplo de encerramento de festejos locais. São bonitas as imagens deste Toré, evocando várias imagens da natureza, como o “canto da juriti” e a imagem “do rio”, o que oferece uma sensação de paz, alegria e beleza para nosso povo.

O Toré 2 foi cantado por Maria Chulé, pois era quem tinha esse dom. Ela tinha seus encantados que lhe guiavam. Através dela foi que esse Toré ficou conhecido. Maria Chulé, como é do conhecimento de meu povo, foi uma indígena e liderança forte de Pankararu.

TORE 2

Tô cantando esse toré
Pra menino, homem e mulher:
Ô de quem é esse Toré?
É de Maria Chulé.

De origem Jiripankó, este Toré 2 é cantado dentro dos rituais sagrados do nosso povo, em reverência à mestra Maria Chulé: uma mestra que habitou a Serra da Tapera, território Pankararu, hoje encantada dentro do culto do ajuká. Ela foi responsável pela doutrina e ensinamentos para iniciação de pajelança do nosso líder espiritual Elias Bernardo.

TORE 3

Vamos, minha gente!
Que uma noite não é nada.
O que chegou foi Jiripankó
No romper da madrugada
Vamos ver se “nóis acaba”
O resto da empeleitada.

O Toré 3 está presente nos cânticos de outros povos do Nordeste, a exemplo do próprio povo Pankararu, Xucuru do Ororubá, Kalankó, Jiripankó, entre outros.

Quando cantado, faz referência à chegada de um povo em espaços da sociedade. É muito cantado na madrugada dos rituais da Corrida do Umbu e em eventos de encontros como o Acampamento Terra Livre ou em ocupações quando reivindicamos a garantia de direitos.

TORE 4

Caboco de pena peneirou, peneirou, peneirou
 Caboco de pena peneirou suas asas no ar
 Caboco de pena não pisa no chão
 Peneira no ar que nem gavião.

O Toré 4 é de origem Pankararu, que representa uma ave da região. Na cosmologia do nosso povo, o gavião é uma ave da família real. Contam os mais velhos que na Serra da Fonte Grande no Palácio dos Encantados existe uma ave que chamam de águia real, pouco vista e que sobrevoa por tempo o território Pankararu. O canto deste Toré representa a leveza das aves, a pureza do espírito e o contato com o sagrado ancestral.

“O caboco” é como se diz no Toré: ele vive no chão e vive no ar, igualmente uma ave peneirando suas asas. Assim, tanto Deus como os encantados nos ajudam a fazer o que a gente tem de bom em nosso coração para nos proteger e fazer o bem a todos.

TORE 5

Lavandeira fez um ninho
 No galho do Jericó
 Nós somos filhos legítimos
 Do povo Jiripankó.

O Toré 5 foi ressignificado pelo povo Jiripankó, esse Toré contém a seguinte letra de origem Pankararu “lavandeira fez um ninho, no galho do mulungu, nós somos ponta de rama, da aldeia Pankararu”. Assim, ele foi ressignificado afirmando, num outro contexto, a sua origem em Alagoas.

“Lavandeira” é uma ave muito comum em nossa região, segundo dizem os mais velhos de nosso povo, ela lavava os panos de Nossa Senhora. Por isso, através dessa ave, os índios fizeram esse canto como uma homenagem a Nossa Senhora e aos

encantados. “O galho de uma planta que se chamava Jericó”, na cultura de nosso povo, é uma planta que serve de remédio, é uma medicação indígena muito sábia.

TORE 6

Maria, que vinho é esse?
Que o mundo escureceu
Não foi nada, não, José.
Jurema que tu bebeu.

O Toré 6 é de origem Jiripankó, é cantado durante os rituais sagrados. Esse Toré menciona uma árvore sagrada para nosso povo: a Jurema.

O culto à Jurema sagrada é milenar, dizem os mais velhos que é a ciência ou lá está a sabedoria indígena, a sombra em que descansa os mestres encantados, esses mesmos que nós trazemos em sonho ou em mente nas letras dos cantos do nosso povo. Isso é parte da cultura da ciência. A Jurema no dia a dia está junto com os encantados, nas horas das precisões e das obrigações do nosso povo.

TORE 7

Abelha vive beijando
A fulô do umbuzeiro
Beija-flor vive voando
Procurando seu terreiro...

O Toré 7 é cantado pelos Koiupanká. Esse Toré faz parte de todas as tradições dos povos indígenas do Nordeste, o seu canto tanto é para brincarmos as brincadeiras do terreiro como também faz parte das obrigações dos encantados. Assim, ele também é muito cantado entre nosso povo, pois muitas pessoas vêm participar das comemorações das festas indígenas em Jiripankó.

TORE 8

Meu Deus, que aldeia é essa?
Que nunca andei aqui

Aldeia Jiripankó
 Nascida no Ouricuri.
 Na aldeia Jiripankó
 Não tem rios pra atravessar
 Tem fontes de minação
 Riqueza do meu lugar.
 Valei-me, Nossa Senhora!
 Mãe de Deus de Nazaré
 Vamos dar viva ao cacique
 E louvor a nosso pajé.

Esse é um canto do povo Jiripankó, cantado durante os rituais sagrados do nosso povo, aprendi com a mestra Dejanira hoje encantada. O Toré 8 fala das belezas e dos recursos naturais, mas também ensina o respeito à luta da liderança política e o valor do líder espiritual na aldeia.

TORE 9

Deus no céu
 E os índios na terra
 Vamos ver quem pode mais?
 É Deus no céu.
 Vamos ver quem pode mais?
 É Deus no céu.

O Toré 9 é um canto do povo Pankararu, também cantado em outros povos do Nordeste. Tem origem religiosa, apresenta um sincretismo religioso com a igreja católica devido à forte presença dos freis e capuchinhos na catequização dos indígenas. O Toré representa um valor simbólico e cultural que é a fé no poder do grande espírito dentro dos rituais sagrados. Esse Toré mostra como nós, indígenas, temos fé no Deus criador, o Deus Tupã, e também em nossos encantados. Através desse canto, não apenas celebramos a nossa cultura, ele também serve como um protesto contra as injustiças históricas cometidas contra os povos indígenas.

Uma Palavrinha Final

Essa cartilha foi realizada para enfatizar a importância que tem o Toré para a permanência e o fortalecimento de nosso povo Jiripankó.

O Toré em Jiripankó foi apresentado aqui, enquanto uma forma de expressão literária, assumindo então no ritual de nossa comunidade, a forma de uma poética da voz, pois sua realização acontece através da manifestação cultural da dança e do canto dos praiás. Estudar o Toré é muito importante para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a nossa cultura indígena. Como foi discutido, o Toré é uma manifestação cultural e tradicional do nosso povo, mas também é uma prática que faz parte de um ritual comum em vários povos étnicos do nordeste do Brasil.

Fazer este estudo sobre o Toré me ajudou a perceber e valorizar mais ainda a cultura do meu povo, e me ajudou também a dar continuidade à luta por mais igualdade e reconhecimento. Sempre é bom lembrar de onde viemos para poder saber para onde nós vamos. O ato de conhecer a história do meu povo, nos fortalece diante dos desafios que enfrentamos pelo caminho. Através da nossa cultura e dos nossos costumes, acredito que somos e vamos continuar sendo resistência para nós e para nossa futura geração.

Tudo o que temos em nossa comunidade foi com muita luta dos nossos anciões, que lutaram e deixaram muitas conquistas. Devemos relembrar a luta desse povo guerreiro da comunidade Jiripankó. Nosso povo é querido, batalhador e sempre procura, através de suas manifestações culturais, manter sempre viva em suas festividades e em nossos rituais, a história de nossas vidas, os nossos costumes e tradição indígena dos Jiripankó.

Referencial bibliográfico

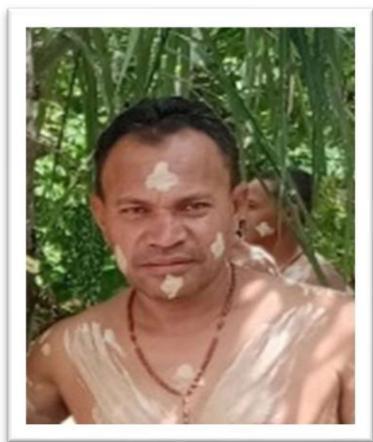
BEZERRA, Deisiane da Silva; PEIXOTO, José Adelson Lopes; ROCHA, Aduino Santos da (ORGs). ***Memória e identidade indígena em Alagoas***. Maceió, AL: Editora Olyver, 2020.

MOTA, Clarice Novaes. Performance e significações do toré: o caso dos Xocó e Kariri-Xocó. In.: GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org). ***Toré: Regime encantado do índio do Nordeste***. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 2005, pp. 173-186.

TENÓRIO, José Rodrigues. ***Toré do povo Kariri-Xocó***. 2015; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Intercultural Indígena em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Alagoas, 2015.

VENANCIO, Manuela Machado Ribeiro. O Toré Kariri-Xocó na aldeia e na cidade: produção e comunicação indígenas em contextos específicos. ***Revista Zabelê – PPGANT -UFPI - Teresina-PI • Vol. 2, n. 1 (2021)***.

Apresentação do Autor



Sou JOSÉ PEREIRA DA SILVA, graduando em Letras-Português no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – CLIND/UNEAL.

Nasci no ano de 1981, tenho 43 anos. Sou da Aldeia Jiripankó, localizada no município de Pariconha, Alagoas. Minha mãe chama-se Creuza Jardelina de Souza, e meu pai Evandro Pereira da Silva. Tenho dois irmãos: Antônio Pereira da Silva e Atanae de Souza da Silva.

Estudei o Ensino Fundamental na Escola Indígena José Quintino da Silva, que fica no povoado Ouricuri, em Pariconha-AL, entre os anos de 1992 a 1995. Estudei na Escola Cenecista 1 Grau Padre Epifânio Moura entre os anos de 1997 a 2000, em Pariconha-AL; já o Ensino Médio, estudei no Colégio Nossa Senhora do Rosário em Rodelas – BA, em 2001; no Colégio Estadual de Paulo Afonso Colepa, em Paulo Afonso - BA em 2002; concluindo, por fim, essa etapa do ensino médio, na Escola Estadual Monsenhor Sebastião Alves Bezerra Água Branca – AL, em 2004.

Meu encontro com o ensino superior se deu por ocasião da oferta do CLIND/UNEAL, no Curso de Letras-Português, um curso de licenciatura intercultural indígena, no mês de outubro de 2019.